

Terra Santa
Vol. 1

**TERRA SANTA
ITINERÁRIOS E DESCRIÇÕES
(SÉC. IV-VIII)
VOL. 1**

TRADUÇÃO:
LUCIANO ROUANET BASTOS



PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Títulos originais:

- *Itinerarium Burdigalense*;
- *Eucherii, quae fertur, de situ Hierusolimitanae urbis atque ipsius Iudaeae epistola ad Faustum presbyterum*;
- *Theodosius de situ terrae sanctae*;
- *Breviarius de Hierosolyma*;
- *Antonini Placentini Itinerarium*;
- *Antonini Placentini Itinerarium (Recensio altera)*;
- *Adamnani de locis sanctis libri tres*;
- *Baedae liber de locis sanctis*.

Tradução e notas: *Luciano Rouanet Bastos*

Introduções: *Heres Drian de O. Freitas*

Direção editorial: *Fr. Darlei Zanon*

Gerente de design: *Danilo Alves Lima*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Heres Drian de O. Freitas*

Diagramação: *Júlia Cardoso Nascimento*

Impressão e acabamento: **PAULUS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Terra Santa: itinerários e descrições (séc. IV-VIII) / tradução de Luciano Rouanet Bastos. - São Paulo : Paulus, 2023.
(Coleção Patrística)

ISBN 978-85-349-5168-5
Título original: *Itinerarium Burdigalense...*[et al]

1. Terra Santa – Obras anteriores a 1800 2. Cristianismo 3. Descrições de viagens 4. Geografia antiga
I. Bastos, Luciano Rouanet II. Série

23-3932

CDD 915.6944

Índice para catálogo sistemático:
1. Terra Santa



Conheça o catálogo **PAULUS** acessando:
paulus.com.br/loja, ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5168-5

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 1940, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo, para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. A Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos não exaustiva,

cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

6 Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar as anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve, com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra, suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo “patrologia” designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras

de escritores leigos. Por “patrística” se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e Antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e Antiguidade são ambíguos. Não se espera encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de Antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de São João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus

textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto:

Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. [...] Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual (B. Altaner e A. Stuiber, *Patrologia*, São Paulo: Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

ITINERÁRIO BURDIGALENSE

INTRODUÇÃO

O *Itinerarium Burdigalense* – doravante *Itin. burd.* –, cuja tradução ao português não varia muito de seu original, foi composto em 333-334,¹ na ocasião de uma viagem à Terra Santa. O texto é, por isso, também chamado de *Itinerarium Hierosolymitanum* – *Itinerário Hierosolomita*, isto é, *de Jerusalém* – ou ainda de *O peregrino de Bordeaux*, pois dessa cidade francesa, em latim *Burdigala*, então na província romana da Aquitânia, partiu para Jerusalém nosso peregrino, ou peregrina. De fato, não é impossível que se trate de uma mulher.² Não há notícia alguma acerca de seu autor. O texto não contém qualquer indício de que se tratasse de alguém do sexo masculino. Acerca de seu autor, o latim do texto – latim tardio – permite dizer que provavelmente não era um erudito.³ Em geral, acredita-se que seja aquitano, nativo da província de onde parte a viagem. É bem provável, porém,

¹ Cf., abaixo, *Itin. burd.* 571 (acerca dessa numeração, veja-se, logo abaixo, p. 19). P. GEYER, “Praefatio”, em *Itinera Hierosolymitana. Saeculi IIII-VIII*, Vindobonae: Tempsky (Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum – doravante CSEL – 39), 1898, i-xlii, p. iv; e P. GEYER et O. CUNTZ, “Monitum”, em *Itinera et alia geographica*, Turnhout: Brepols (Corpus Christianorum Series Latina – a partir daqui CCL – 175), 1965, p. xviii. A viagem durou quase 250 dias, e é significativo o fato de ter sido feita pouco depois de o cristianismo tornar-se religião lícita.

² Cf. L. DOUGLAS, “A New Look at the *Itinerarium Burdigalense*”, *Journal of Early Christian Studies* 4 (1996) 313-333; respondido por S. WEINGARTEN, “Was The Pilgrim from Bordeaux a Woman? A Reply to Laurie Douglass”, *Journal of Early Christian Studies* 7/2 (1999) 291-297.

³ G. H. S. S. SARTIN, “*Itinerarium Burdigalense uel Hierosolymitanum* (Itinerário de Bordeaux ou de Jerusalém): texto latino, mapas e tradução comentada”, *Studia Traductionis* 15 (2014) 293-379, p. 294, considera que o latim do texto pode ter sido registrado conservando marcas orais do ditado do autor.

que fosse cristão, já que, além de uma indicação explícita disso,⁴ o autor se ocupa de introduzir um segundo gênero ao itinerário.⁵

Embora seja claro que itinerário designe rota, percurso, trajeto, talvez não seja supérfluo especificar que o itinerário antigo cumpria a função de um mapa. Enquanto este último constitui, digamos, um desenho da superfície de determinado lugar – país, região etc. –, com aí traçados os percursos possíveis entre um ponto e outro, chamado, por isso, de *tabula itineraria* ou *itinerarium pictum*,⁶ o itinerário era a identificação de determinado percurso, com indicação, ao modo de lista, de lugares e de distâncias entre determinados pontos para que o viajante pudesse manter-se no rumo desejado, mas também para assegurar-se alojamento e refeição⁷ ao longo de sua viagem.

Ainda acerca de itinerários e mapas, talvez valha dizer que, normalmente, os itinerários não só precederam a confecção de mapas, como foram a base para isso.⁸ Estes últimos,

⁴ *Itin. burd.* 588: “[...] *Nosso Senhor Jesus Cristo falou com ela*”. Falava também por seu(s) companheiro(s) – ou companheira(s) – de viagem? O peregrino provavelmente não viajava sozinho (cf. *Itin. burd.* 571; único uso de primeira pessoa do plural, e no passado, em todo o texto).

⁵ Cf. C. MILANI, “Strutture formulari nell’*Itinerarium Burdigalense*’ (a. 333)”, *Aevum* 57/1 (1983), p. 99-108.

⁶ Respectivamente, quadro itinerário ou itinerário desenhado. “Os italianos chamam de *cartas topográficas*” – cursiva do autor – aqueles itinerários desenhados que representam visivelmente os lugares (*loca oculis*), enquanto o itinerário seria a definição do percurso (cf. *sub voce* “*Itinerarius*, a, um”, Ae. FORCELLINI & I. FURLANETTO, *Lexicon Totius Latinitatis*, Padova, vol. 2, 1965, p. 947). Acerca dos povos primitivos e os mapas e quanto ao período de que nos ocupamos, veja-se L. BAGROW/ R. A. SELKTON, *History of Cartography*, revised and enlarged, London/ New York: Routledge, 2017, 2ª ed. ampliada, cap. 1 (*Maps of primitive peoples*) e 2 (*Cartography in the ancient world*).

⁷ Cf. W. KUBITSCHKE, “*Itinerarien*”, em PAULY-WISSOWA (hrg.), *Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft*, Stuttgart: Metzler, vol. 18.9/2, 1916, col. 2.308-2.363, col. 2.308.

⁸ P. D. A. HARVEY, *The History of Topographical Maps: Symbols, Pictures and Surveys*, London: Thames and Hudson, 1980, p. 135-152.

ademais, talvez tivessem proporções que tornassem difícil para o viajante dispor deles de modo prático, ou seja, não deveriam ser facilmente manuseáveis,⁹ e, por isso, talvez fossem mais recomendados aos militares¹⁰ – mesmo que não fossem muito precisos.¹¹

Assim, o itinerário, muito mais facilmente manejável, acabou por constituir um gênero literário próprio, inclusive como “diário” de um trajeto percorrido.¹² Nisso está o segundo gênero que nosso autor apõe ao itinerário, pois,

⁹A *Tabula Peutingeriana*, o mais antigo exemplar de mapa romano conservado, é composta de doze peças de pergaminho, medindo 0,34 centímetros por quase 7 metros (H. LECLERCQ, “Itinéraires”, em CABROL-LECLERCQ [dir.], *Dictionnaire d’archéologie chrétienne et de liturgie*, Paris: Letouzey et Ané, vol. 7/2, 1927, col. 1.841-1.922, col. 1.865; G. H. S. S. SARTIN, *art. cit.*, p. 294).

¹⁰Cf. VEGETIUS, *Epitoma rei militaris* 3,6 [Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana, 1995, p. 117]. A passagem de Vegécio, porém, deixa claro que também os militares usavam os itinerários, que ele recomenda que fossem minuciosos e que os tivessem de todas as regiões. K. MILLER, *Itineraria Romana. Römische Reisewege an der Hand der Tabula Peutingeriana*, Stuttgart: Strecker und Schröder, 1916, continua a ser referência com os itinerários, de todas as dioceses do império, embora não esteja isento de problemas, particularmente quanto à confecção dos mapas a partir dos itinerários. Tais problemas, que não desabonam a obra no todo, são discutidos por T. ELLIOT, “Constructing a digital edition for the Peutinger map”, em R. J. A. TALBERT e R. W. UNGER, *Cartography in Antiquity and the Middle Ages. Fresh Perspectives, New Methods*, Leiden: Brill (Technology and Change in History 10), 2008, p. 99-110, p. 103ss.

¹¹Cf. W. KUBITSCHKEK, *art. cit.*, col. 2.310-2.311. Ainda que conhecessem escala e proporção, parece que os antigos não se interessaram em aplicá-las aos mapas (cf. K. MILLER, *Itineraria Romana. Römische Reisewege an der Hand der Tabula Peutingeriana*, Stuttgart: Strecker und Schröder, 1916, p. iii), cuja carência de precisão, igualmente, não lhes parece ter incomodado ou constituído um problema; de modo que fundamental talvez fosse a clareza da indicação da direção.

¹²Cf. W. KUBITSCHKEK, *art. cit.*, col. 2.308. Talvez o *Itinerarium Antonini* fosse desse gênero (cf. D. VAN BERCHEM, “L’annonce militaire dans l’empire romain au III^e siècle”, *Mémoires de la Société Nationale des Antiquaires de France* 10 [1937] 117-202). Anterior ao nosso *Itin. burd.*, o *Itinerarium Antonini* divide-se em duas partes, das quais a segunda atesta a existência de *itineraria maritima* como categoria, pelo menos, distinta dos itinerários terrestres. Acerca desta última obra, o leitor encontra informações em toda a bibliografia até o momento citada. Segundo H. LECLERCQ, *art. cit.*, col. 1.841, existe ainda outra categoria de itinerários,

ainda que o *Itin. burd.* inicie exatamente como é esperado de uma obra de seu gênero, isto é, como lista identificadora de determinados pontos e distâncias, a certa altura torna-se descritivo, anotado.¹³

De fato, por todo o tempo em que se encontra na Terra Santa, temos, de certo modo, detalhes dos lugares visitados – o que é estranho ao itinerário propriamente dito. De sua chegada à Palestina, à atual cidade de Nablus, até sua ida a Hebron/El Khalil, ambas na Cisjordânia, às vésperas de seu retorno a Jerusalém para empreender a viagem de volta, por pouco mais de dez parágrafos (587-599), nosso autor faz anotações nas quais oferece, a partir de dados bíblicos, uma riqueza de informações do tipo que se esperaria de um guia de viagens hodierno – conservadas as devidas diferenças, certamente. Em todo caso, não é exagerado dizer que ele, ou ela, antecipe tais guias, registrando aquilo que vê quanto a determinados lugares da Terra Santa.¹⁴

em tradução nossa, “restritos a somente uma cidade, a seus edifícios ou a seus lugares consagrados ao culto”. Uma espécie de “mapa” local, talvez?

¹³ C. MILANI, *art. cit.*, defende que esse tipo de anotação já constituía um gênero, o itinerário *ad loca sancta* (para os lugares santos), algo distinto do itinerário propriamente dito – que a estudiosa chama de itinerário leigo –, exatamente enquanto texto de indicação e descrição dos lugares santos. Para ela, o *Itin. burd.* resulta de três fontes distintas de itinerários, dois leigos e um *ad loca sancta*, já não só existentes, mas necessários depois da aceitação do cristianismo como religião lícita. J. ELSNER, “The *Itinerarium Burdigalense*: Politics and Salvation in Geography of Constantine’s Empire”, *The Journal of Roman Studies* 90 (2000), 181-195, por outro lado, considera que seja o *Itin. burd.* a inaugurar, a partir do já existente gênero itinerário, não só um gênero novo de itinerário, o itinerário *ad loca sancta*, como também um gênero novo de viagem, a peregrinação, rumo a uma nova capital imperial; centro, não político, mas ideológico. Passa-se – e volta-se – por Roma, centro administrativo deste mundo, mas o destino é Jerusalém, contraparte da capital imperial, novo centro de um mundo cristão, a Outra, fundada nas Escrituras e na vida espiritual, sagrada e tangível.

¹⁴ Por isso, W. KUBITSCHKEK, *art. cit.*, col. 2.332-2.334 (vejam-se também col. 2.352ss.), considera que o *Itin. burd.* constitui um itinerário somente enquanto diário de viagem.

Seus relatos, porém, são comedidos, não têm certa efusividade, presente em textos dos séculos posteriores, nem quanto a determinados lugares, nem quanto a elementos particulares da vida, da paixão e da morte e ressurreição de nosso Senhor. Parece ser que nosso peregrino não buscava relíquias, embora não deixe de apresentar elementos muito tangíveis. Aliás, é bastante curioso o fato de, tendo passado por perto de Cafarnaum, Caná, do lago de Tiberíades, Naim, e até mesmo de Nazaré e do monte Tabor, nosso autor não só não ter parado em tais localidades – diretamente relacionadas a episódios da vida de Jesus Cristo, na Galileia – como nem mesmo tê-las mencionado.¹⁵

Em vez de, por exemplo, ter ido visitar um dos lugares em que viveu Jesus, ou o local da transfiguração, o peregrino, tendo passado o Sinai – e certamente não se trata de onde Moisés recebeu a Lei –, não desce, da Cesareia, diretamente para Jerusalém, mas toma a direção leste, parecendo preferir visitar um lugar ligado a personagens veterotestamentários.¹⁶ C. W. Wilson levanta a possibilidade de que o motivo do “desvio” tenha sido visitar outro lugar ligado ao profeta Elias, personagem então possivelmente marcante para o cristianismo primitivo,¹⁷ enquanto o silêncio acerca de lugares em que Jesus viveu ou iniciou seu ministério pode dever-se ao fato de serem mais importantes, então, os eventos relacionados a sua paixão, morte e ressurreição,¹⁸ nos quais, com efeito, nosso autor se detém pouquíssimo mais.¹⁹

¹⁵ *Itin. burd.* 585-586. Acerca do local da transfiguração, porém, vale notar que nosso peregrino o confundiu com outro (cf. *Itin. burd.* 595).

¹⁶ Cf. *Itin. burd.* 586.

¹⁷ “Introduction”, em A. STEWART / C. W. WILSON (eds.), *op. cit.*, p. viii.

¹⁸ C. W. WILSON, “Introduction”, em A. STEWART / C. W. WILSON (eds.), *op. cit.*, p. ix.

¹⁹ Cf. *Itin. burd.* 592-595.

A esse respeito, com efeito, o peregrino anota lugares e personagens e/ou fatos, mas sem qualquer desenvolvimento. Caifás, embora meramente citado, é inegavelmente ligado aos eventos da paixão, já que precede imediatamente a explícita identificação da coluna da flagelação (592). Seguem-se, então, as indicações do pretório de Pôncio Pilatos e do Gólgota e a crucificação (593), do túmulo, da ressurreição e do local em que Jesus foi traído por Judas (594), a palmeira de que se retiraram ramos para acolher Jesus em sua entrada em Jerusalém e o monte das Oliveiras, qual lugar de instrução dos discípulos antes da paixão, com, aí perto, outro monte onde teria acontecido a transfiguração (595), confundindo, porém, possivelmente, o local da agonia, isto é, o Getsêmani, com o episódio da transfiguração.

Ainda assim, do Novo Testamento, outros poucos lugares ou episódios são lembrados: sem qualquer referência aos milagres operados por Jesus nestes lugares, as piscinas Betsaida (589), ou Betesda, e Siloé, ou Silva (592);²⁰ Sicar e o poço onde Jesus fala com a samaritana (588); o pináculo do templo, onde se dá uma das tentações de Jesus, e a pedra angular, acerca da qual Jesus teria falado (590); a vila de Betânia, onde Jesus ressuscitou Lázaro, e o sicômoro em que Zaqueu sobe para ver Jesus (596); o local do batismo do Senhor e Belém, onde ele nasceu (598); o lugar em que Filipe batiza o eunuco (599) e o do encarceramento de Paulo e Silas (604).

Assim, na descrição que nosso autor faz da Terra Santa, há, desproporcionalmente, muito mais indicações de personagens, lugares e fatos veterotestamentários. Não

²⁰ *Loc. cit.*, *Silua*, em CSEL 39,22, que segue um manuscrito, enquanto as edições da CCL 175,16 e de O. CUNTZ (ed.), *Itineraria Antonini Augusti et Burdigalense*, Stuttgart: Teubner (*Itineraria Romana* vol. 1), 1990, p. 96, seguem outro, que traz *Siloe*. Vejam-se, nessa bibliografia, os exames dos manuscritos e os aparatos críticos.

porque esses sejam mais importantes, mas porque, com efeito, constituem a base tipológica para os eventos neotestamentários indicados, numa linha de continuidade não só místico-religiosa, mas também histórico-política (embora uma nova visão de mundo aponte a superação desta última dimensão): vencidas as fronteiras provinciais do Império, só em seu destino nosso autor torna o leitor presente qual companheiro de viagem, pois só tendo chegado aí usa a segunda pessoa do singular.²¹ Mas há mais: tornado presente, o leitor contempla, pelos olhos de nosso viajante, o lugar da história da salvação e, com ele, reconhece o novo centro místico²² de seu mundo. Isso permite identificar a clara divisão do texto em três partes: o itinerário até a Palestina (549-586), a peregrinação na Palestina (587-599), centro da obra, o percurso de volta (600-617).

Mesmo que não fosse letrado, o peregrino de Bordeaux parece ter uma concepção muito clara de como sua fé cristã reorienta o mundo, mesmo que seu texto não tenha qualquer elemento que nos permita pensar que fosse um fervoroso peregrino, com êxtases místicos por estar em determinados lugares da Terra Santa. Na verdade, não há qualquer elemento no texto que identifique o autor como peregrino, tal como o concebemos hoje. Não há sequer um aceno a qualquer momento de oração ou ato litúrgico, pessoal ou comunitário. Tais ausências, por outro lado, não querem dizer que não fosse cristão ou que fosse um cristão pouco engajado com a própria fé. Aliás, a estrutura do texto, que se acaba de indicar, aponta o contrário. Além disso, o fato

²¹ Vejam-se, por exemplo, 591, 593, 595. Cf. J. ELSNER, *art. cit.*

²² J. ELSNER, *art. cit.*, em quem se inspira essa expressão, diria ideológico; cf., acima, n. 13.

de ter registrado a viagem é um indício não insignificante de sua importância, mesmo que desconhecamos as razões do autor para empreender a viagem. Independentemente disso, porém, em seu itinerário, o peregrino nos deixou o mais antigo testemunho cristão de uma viagem à Terra Santa.

Quanto ao texto, é preciso ainda dizer que as distâncias são medidas em milhas (*milia*) e léguas (*leuga*). Preferiu-se, aqui, não convertê-las a quilômetros.²³ Embora isto aconteça também na parte central da obra, em suas partes primeira e última descrevem-se fundamentalmente distâncias, *estações de muda* (*mutationes*) e *hospedarias* (*mansiones*).

Uma estação de muda (*mutatio*) é uma espécie de posto de ajuda para a viagem, em que se pode trocar, mudar a cavalgadura. Não se trata, porém, de posto de ajuda normalmente disponível para qualquer viajante ou peregrino – embora não se possa excluir que estes últimos aí recebessem algum auxílio,²⁴ particularmente, por certo, mediante pagamento.

Estações de muda e hospedarias integravam um sistema oficial mais amplo, o *cursus publicus*, a rede militar-postal de estradas romanas. Uma hospedaria (*mansio*), que também contempla a possibilidade de muda de cavalgadura, é, como diz o termo, local de alojamento, provavelmente com mais recursos que uma estação de muda, particularmente por estar situada em um centro habitado – uma *civitas*, cidade, ou um *vicus*, aldeia.

Ainda que estejam substancialmente de acordo, os estudiosos nem sempre concordam plenamente quanto à precisa

²³ Mesmo assim, para o leitor interessado em fazer a conversão, uma milha romana corresponde a aproximadamente 1.480 metros. Quase um quilômetro e meio. Já uma légua, que não é medida romana, mas gaulesa (cf. JERÔNIMO, *Comm. in Ioel.* 3,18 [PL 25,986]), reconhecida oficialmente por Roma por volta de 202 d.C. (cf. P. D. A. HARVEY, *op. cit.*, p. 236, n. 12), tem aproximadamente 2.220 metros. Pouco mais de dois quilômetros.

²⁴ G. H. S. S. SARTIN, *art. cit.*, p. 369.

identificação atual das localidades elencadas na obra. Por exemplo, logo no início do texto, nosso tradutor identifica a antiga Stômatas com a atual Brède (550), mas houve quem a identificasse com Saint-Médard-d'Eyrans,²⁵ com Castres-Girond,²⁶ ou Castres²⁷ simplesmente. Há, portanto, alguma identificação toponímica cuja nomenclatura hodierna – que nosso tradutor teve a atenta gentileza de indicar em itálico e entre parênteses – deva ser assumida com cautela. Como quer que seja, mesmo que algum topônimo hodierno varie de edição a edição, as localidades indicadas encontram-se espacialmente muito próximas uma da outra e, mais importante, ao longo da rota indicada no itinerário.²⁸

Por fim, antes de deixar o leitor com o texto, é preciso dizer que talvez a numeração dos parágrafos cause estranheza: como nas edições críticas e traduções consultadas, segue-se aqui a numeração já consagrada, de Peter Wesseling, desde a primeira metade do século XVIII,²⁹ que corresponde à página em que se encontra o texto na edição deste último.

²⁵ *Itinéraire de Bordeaux à Jérusalem*, disponível em <<http://encyclopedie.arbre-celtique.com/itinaire-de-bordeaux-a-jerusalem-6866.htm>>, acesso em 20 de janeiro de 2023; talvez tradução de Julien Quirot (cf. G. H. S. S. SARTIN, *art. cit.*, p. 300). Também a tradução de Andrew S. Jacobs, sob o título de *O peregrino de Bordeaux*, encontra-se disponível em <<http://andrewjacobs.org/translations/bordeaux.html>>, acesso em 20 de janeiro de 2023. Das traduções citadas, somente Jacobs não indica as localidades modernas.

²⁶ Cf. G. H. S. S. SARTIN, *art. cit.*, p. 302.

²⁷ A. STEWART / C. W. WILSON (eds.), *Itinerary from Bordeaux to Jerusalem. The Bordeaux Pilgrim (333 A.D.)*, London: Adelphi (The Palestine Pilgrims' Text Society vol. 1/2), 1887, p. 1, embora provavelmente se refira à mesma localidade de Castre-Girond.

²⁸ O leitor interessado em pesquisar e identificar tais distinções, facilmente encontrará disponível em rede a bibliografia que se acaba de mencionar nas três notas precedentes.

²⁹ P. WESSELINGIUS (ed.), *Vetera Romanorum Itineraria sive Antonini Augusti Itinerarium, Itinerarium Hierosolymitanum, et Hieroclis Grammatici Synecdemus*, Amstelaedami: J. Wetstenium & G. Smith, 1735.